



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum40.108.AO06>

Constituição de Vínculo Familiar em Adoções: Um Estudo de Casos Múltiplos sob Enfoque Bioecológico

Family Bonding in Adoptions: A multi-Case Study from a Bioecological Approach

Jade Carvalho da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
<http://orcid.org/0000-0001-8956-0773>
jadecarvalhos@gmail.com

Elisa Avellar Merçon-Vargas
Universidade Federal do Espírito Santo
<http://orcid.org/0000-0003-1229-3122>

Rebeca Valadão Bussinger
Universidade Federal do Espírito Santo
<http://orcid.org/0000-0002-8244-3598>

Edinete Maria Rosa
Universidade Federal do Espírito Santo
<http://orcid.org/0000-0003-4279-8308>

Resumo

A vinculação afetiva em famílias adotivas se faz crucial para o desenvolvimento e é influenciada por diversos aspectos. Sob um enfoque Bioecológico, este estudo de casos múltiplos objetivou compreender as interações (processos proximais) que contribuem para a constituição de vínculos ao longo do tempo em duas famílias adotivas, uma que adotou dois bebês e outra uma adolescente. Ainda, buscou-se compreender fatores pessoais e contextuais facilitadores ou desafiadores dessas interações. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas realizadas em dois momentos com intervalo de seis meses. Enquanto diálogo aberto, reconhecimento da história e manutenção dos vínculos antes da adoção foram mais salientes para a vinculação na família com adolescente, brincadeiras, lidar com as birras e o ciúme fraternal se destacaram na família com bebês. Conclui-se que a adoção traz desafios únicos de acordo com idade da criança, os quais devem ser reconhecidos a fim de promover o desenvolvimento e a vinculação saudáveis.

Palavras-chave: adoção, constituição de vínculos, Teoria Bioecológica, desenvolvimento humano

Abstract

The affectional bonding in adoptive families is crucial for child development and is influenced by several aspects. From a Bioecological perspective, this multi-case study aimed to understand the interactions (proximal processes) that contribute to the bonding process over time in two adoptive families, one that adopted two babies and another that adopted a teenager. Furthermore, it sought to understand personal and contextual factors that facilitated or challenged these interactions. We conducted semi-structured interviews in two moments with a six-month interval. While an open dialogue, recognition of the story, and maintenance of the bonds before adoption were more salient to the bonding process in the family that adopted the preteen, playing, dealing with tantrums, and fraternal jealousy stood out in the family with infants. We conclude that adoption poses unique challenges according to the child's age, which must be recognized in order to promote healthy development and family bonding.

Keywords: adoption, bonding, Bioecological Theory, human development

Resumen

La vinculación afectiva en familias adoptivas se hace crucial para el desarrollo y es influenciada por diversos aspectos. Desde un enfoque Bioecológico, este estudio de casos múltiples objetivó comprender las interacciones (procesos proximales) que contribuyen a la constitución de vínculos a lo largo del tiempo en dos familias adoptivas, una que adoptó dos bebés y otra una adolescente. También buscó comprender factores personales y contextuales facilitadores o desafiadores de esas interacciones. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas realizadas en dos momentos con intervalo de seis meses. En cuanto diálogo abierto, reconocimiento de la historia y mantenimiento de los vínculos antes de la adopción fueron más salientes para la vinculación en la familia que adoptó la preadolescente, los juegos, tratar con las barritas y los celos fraternal se destacaron en la familia con bebés. Se concluye que la adopción tiene desafíos únicos de acuerdo con la edad del niño, los cuales deben ser reconocidos para promover el desarrollo y la vinculación saludables.

Palabras clave: adopción, constitución de vínculos, Teoría Bioecológica, desarrollo humano

Introdução

A adoção se configura como contexto especial e legítimo para o cuidado e desenvolvimento da criança, quando essa ocorre em uma perspectiva ética-legal que visa

o melhor interesse da criança; assim, a adoção pode proporcionar um ambiente favorável ao estabelecimento de vínculo saudável na relação paterno-filial (Baptista, Soares, & Henriques, 2013; Palacios et al., 2019). Dessa forma, a família adotiva pode proporcionar a construção de vínculos estáveis e ambiente afetivo seguro para crianças que muitas vezes apresentam histórias de maus-tratos, negligência e abandono. Nesse sentido, a constituição do vínculo atua como fator de proteção ao desenvolvimento ao auxiliar no enfrentamento de situações estressantes do cotidiano e proporcionar a elaboração de dificuldades no estabelecimento de novos vínculos advindas da ruptura dos laços afetivos formados no período pré-adoção (Poletto & Koller, 2008).

O estabelecimento do vínculo estável e seguro configuram-se como estímulo imprescindível para a superação de mudanças, rupturas e transições ecológicas, como mudanças de ambientes ou de papéis sociais, comuns nos casos de adoções. A partir de uma perspectiva Bioecológica, pode-se considerar que a constituição de vínculos ocorre através de interações diárias recíprocas e duradouras entre os membros da família, as quais são influenciadas pelas características tanto dos pais como das crianças bem como por aspectos de diferentes níveis contextuais (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Ademais, compreende-se a importância do tempo e do estabelecimento da proximidade entre adotandos e adotados para constituição do vínculo, que se dá de maneira processual (Andrade, Hueb, & Alves, 2017). Estas interações positivas são essenciais para o desenvolvimento familiar e individual, incluindo a formação de vínculos.

O estudo de revisão de Baptista et al. (2013), por exemplo, reitera o impacto positivo que os fatores de interação, como a qualidade do cuidado parental, podem ter no desenvolvimento físico da criança no período pós-adoção. As autoras apontaram que apesar de crianças recentemente adotadas tenderem a apresentar desenvolvimento físico inferiores aos de crianças não-adotivas da mesma idade como, por exemplo, menor comprimento, peso e perímetro cefálico, aquelas tendem a se recuperar significativamente nos meses seguintes a chegada à família adotiva. Além disso, a presença de reciprocidade, afeto e equilíbrio de poder presentes nas relações familiares se constitui como elemento fundamental para o fortalecimento do vínculo (Bueno, Vieira, & Crepaldi, 2017).

O estabelecimento de vínculos na adoção pode implicar na vivência de alegrias, desafios e frustrações, os quais são influenciados por diversos fatores. Um dos aspectos

importantes a ser considerado é a idade da criança ao ser adotada. Apesar de estudos apontarem uma preferência por adoção de crianças mais novas (Bussinger, Merçon-Vargas, Nascimento, & Rosa, 2018; Silva, Cavalcanti, & Dell'Aglio, 2016), legislações brasileiras mais recentes têm chamado atenção para a promoção de adoções consideradas “menos desejadas,” como no caso da adoção de crianças mais velhas (Mozzi & Nuernberg, 2016). A literatura sugere semelhanças e diferenças no processo de constituição de filiação entre a adoção de bebês e crianças mais velhas (Ebrahim, 2001). No entanto, ainda há uma necessidade de estudos comparativos acerca dos fatores que influenciam o estabelecimento do vínculo em famílias que efetuaram adoções de crianças em diferentes idades, principalmente sob um enfoque Bioecológico.

Dito isto, este estudo teve como objetivo principal identificar as interações (processos proximais) ao longo do tempo que propiciavam a formação de vínculos em famílias que adotaram crianças de idades diferentes, além de compreender os fatores pessoais e contextuais que facilitavam ou desafiavam essas interações. Utilizou-se a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 2006) como base teórica. Esta teoria pode auxiliar na compreensão da interação entre os fatores pessoais, temporais, contextuais e interacionais que impactam a vinculação adotiva, ao transcender a investigação sobre somente características pessoais contribuintes à vinculação.

Na perspectiva Bioecológica, o desenvolvimento é produto da interação dinâmica entre as características da pessoa, processos proximais, contexto ecológico e tempo. O conjunto destes núcleos foi denominado pelo autor como Modelo PPCT: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. O desenvolvimento ocorre através dos processos de interação recíproca cada vez mais complexos entre um ser humano e pessoas, símbolos e objetos do seu ambiente imediato (microsistema). Estes processos interativos necessitam ser contínuos, dotados de significado para a pessoa e ocorrerem regularmente por longos período de tempo para que o desenvolvimento ocorra. Tais processos são denominados processos proximais e são considerados os principais propulsores do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Os processos proximais são caracterizados pelo padrão e a qualidade das interações entre os membros da família, que serão influenciados por fatores como afeto, equilíbrio de poder e reciprocidade, estabelecidos no microsistema. Os processos

proximais podem ser ilustrados através de interações entre pais e filhos no cotidiano, como participação de atividades sociais, realização de brincadeiras, leituras e conversas, auxílio nos estudos, atendimento às necessidades emocionais e higiênicas dos filhos, estabelecimento de limites, entre outros (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Dentre os pressupostos principais da teoria Bioecológica é apontado que os fatores pessoais, contextuais (micro, meso, exo e macrosistemas) e de tempo impactam sinergicamente a forma com que os processos proximais ocorrem, o que, por sua vez, impacta o desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Assim, parte-se do pressuposto de que o modo como os processos proximais ocorrem no cotidiano do microsistema familiar impactarão preponderantemente o estabelecimento dos vínculos paterno-filiais.

Objetivos

Neste estudo, espera-se identificar processos proximais relevantes para a vinculação em famílias adotivas. Espera-se ainda identificar características pessoais e contextuais que sejam facilitadoras ou desafiadoras desses processos proximais. Considerando a idade da criança como um aspecto do desenvolvimento importante para como ocorrem as interações, espera-se que haja tanto diferenças como semelhanças nas interações, fatores pessoais e contextuais entre famílias que adotaram crianças com diferentes idades.

Método

Este estudo originou-se de uma pesquisa mais abrangente cujo objetivo principal foi investigar o processo de constituição de filiação adotiva entre pais e filhos ao longo de dois anos. Se tratou de estudo longitudinal, desenvolvido em três etapas, a saber: (a) caracterização dos processos de trabalho em adoção realizado por profissionais assistentes sociais e psicólogos em todas as varas que realizam habilitação a adoção no Espírito Santo; (b) análise do perfil de pretendentes à adoção e de crianças e adolescentes desejados a partir de dados da CEJA (Comissão Judiciária Estadual da Adoção); (c) entrevistas semiestruturadas com famílias que haviam adotado recentemente crianças e/ou adolescentes realizadas com intervalos de 6 meses, durante dois anos afim de

acompanhar o desenvolvimento e experiências acerca da formação do vínculo familiar paterno-filial.

A pesquisa contou inicialmente com a participação de dez famílias adotivas do estado do Espírito Santo, das quais 7 permaneceram acompanhadas ao longo de dois anos. O estudo e análise que se seguem é um recorte desta pesquisa maior. Focamos em duas famílias adotivas: uma que havia adotado duas crianças quando ainda bebês e outra uma adolescente de dez anos. O conjunto de dados utilizados para análise compreendem dois momentos de entrevistas com os membros destas famílias, indicando um intervalo de seis meses entre a realização da primeira etapa de entrevistas e a segunda. Optou-se pela efetuação de estudo de casos múltiplos com essas duas famílias para que se pudesse explorar com maior profundidade as diferenças e semelhanças na vinculação em famílias que adotaram crianças de diferentes idades (Yin, 2005). Essas duas famílias foram selecionadas por apresentarem maior diferenças de configuração na constituição familiar quanto a idade dos(as) filhos(as).

Participantes

Participaram deste estudo duas famílias. No total cinco pessoas foram entrevistadas em dois momentos com intervalo de seis meses, totalizando 10 entrevistas: a mãe e o pai da família 1 e mãe, pai e filha da família 2. Os participantes deste estudo serão identificados pelos seguintes nomes fictícios, a fim de preservar o anonimato dos mesmos: Marcelo e Keila (pai e mãe da família 1), Felipe e Júlia (pai e mãe da família 2) e Fabiana (filha da família 2). A caracterização das famílias está disposta na Tabela 1.

INSERIR TABELA 1

O pai e a mãe das famílias 1 e 2 tinham, respectivamente, 48 e 39 anos e 46 e 48 anos. Enquanto o pai da família 1 havia completado o mestrado, a mãe da família 1 tinha ensino médio completo, e os outros participantes da família 2 tinham completado o ensino superior. Na família 1, o pai trabalhava como professor e a mãe como auxiliar administrativa. Na família 2, ambos trabalhavam como vendedores. A família 1 tinha dois filhos adotivos, uma menina de 4 anos e um menino de 2 anos de idade no momento da primeira entrevista. A família 2 tinha adotado uma adolescente que estava com 11 anos de idade no momento da primeira entrevista.

Instrumentos

Foi aplicado um questionário sóciodemográfico, para fins de caracterização dos participantes, e entrevistas semiestruturadas em dois momentos com seis meses de intervalo. Os eixos temáticos das entrevistas foram: (a) Fatores contextuais (família extensa, escola, comunidade, creche), relacionais (*processos proximais*), pessoais e de tempo facilitadores e desafiadores do vínculo adotivo, (b) Características das interações cotidianas entre os membros do microsistema e dos vínculos adotivos. Para a segunda entrevista, adicionou-se ao roteiro o eixo (c) mudanças nos fatores bioecológicos e na vinculação entre o primeiro e o segundo momento de entrevistas.

Procedimentos

A amostra foi selecionada pelo critério de composição. Dessa forma, privilegiou-se duas famílias que apresentavam diferenças na constituição quanto ao número de irmãos adotados e idade no momento da adoção. As famílias foram contatadas por meio de visitas à grupos de apoio à adoção, por profissionais das Varas de Infância e pela rede de contatos das pesquisadoras. As entrevistas foram efetuadas individualmente conforme a disponibilidade dos participantes, em locais e horários mais convenientes para estes e foram gravadas e transcritas para organização e análise dos dados. As entrevistas da família 1 ocorreram em novembro de 2016 (momento 1) e em junho de 2017 (momento 2) na casa dos participantes; as entrevistas da família 2 ocorreram em março (momento 1) e setembro de 2017 (momento 2) no apartamento dos participantes. As entrevistas duraram, em média, 30 minutos. As famílias assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento após terem compreendido as informações sobre a pesquisa e ter sido garantido o direito à confidencialidade dos dados, ao sigilo de suas identidades e à possibilidade de retirar seu consentimento em qualquer momento, sem que houvesse qualquer prejuízo. A pesquisa fundamentou-se pelos preceitos éticos recomendados pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e a coleta dos dados foi iniciada após a aprovação do comitê de ética em pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo sob protocolo de nº 56447616.3.0000.5542.

Análise de Dados

Os dados das entrevistas do momento 1 (4 anos e 1 ano e 3 meses de tempo da adoção das crianças para a Família 1; 1 ano de tempo da adoção da adolescente para a Família 2) e do momento 2 (4 anos e 6 meses e 1 ano e 9 meses de tempo da adoção das crianças para a Família 1; 1 ano e 6 meses de tempo da adoção da adolescente para a Família 2) foram analisados por meio da análise de conteúdo temático-categorial, a qual se caracteriza como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para interpretação do conteúdo emergido das entrevistas, através da formação de categorias a partir de temas previamente estabelecidos, considerando unidades de significado através da análise textual (Bardin, 2009). Além disso, a análise qualitativa deste estudo assume cunho descritivo e exploratório, visto que houve a busca por informações precisas e aprofundadas sobre as características dos sujeitos da pesquisa e de fenômenos complexos, utilizando como base o modelo PPCT da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 2006). Após a transcrição das entrevistas, procedeu-se a pré-análise, na qual foi efetuada leitura flutuante dos materiais a fim de sistematizar ideias iniciais e separar unidades de registro. A seguir, foi realizada a exploração dos materiais para a definição das unidades de significado, primeira separação temática. Posteriormente, o agrupamento dos conteúdos para a formação de categorias levou em consideração tanto a recorrência do conteúdo quanto a sua relevância. As categorias foram analisadas novamente, considerando o objetivo do estudo, e dispostas conforme seção a seguir.

Por fim, a codificação dos dados permitiu a interpretação e as falas foram elencadas em categorias de análise. A partir da análise de conteúdo, buscou-se identificar os processos proximais (por exemplo, imposição de limites com diálogo), bem como as características pessoais (por exemplo, afetividade, abertura ao diálogo) e os fatores contextuais do mesossistema (por exemplo, inter-relações entre os principais microsistemas das pessoas) e do exossistema (por exemplo, ambientes formais e informais que não contêm a pessoa em desenvolvimento, mas têm impacto no ambiente imediato), que influenciavam esses processos proximais ao longo do tempo.

Resultados

Cada caso será relatado com uma descrição inicial das famílias e posteriormente serão apresentados dados referentes aos eixos temáticos de análise.

Família 1. Marcelo e Keila adotaram dois bebês (Sabrina e Noah), tendo como principal motivação o desejo de serem pais. Adotaram Sabrina em 2013 e Noah em 2015. A adoção da filha foi combinada com a mãe biológica enquanto esta ainda estava grávida. Após o nascimento, Marcelo e Keila levaram a bebê diretamente para casa. Durante a gravidez da mãe biológica, os adotantes entraram em contato com um advogado e a Vara de Infância para a concretização do processo legal da adoção. Após a adoção definitiva da primeira filha, os adotantes decidiram se candidatar ao processo de adoção pela vara de infância para adotarem um bebê. Eles elegeram como único critério para adoção uma criança que tivesse no máximo 2 anos de idade. Noah tinha 9 meses de idade no momento da adoção. Relataram que a adaptação de Noah foi tranquila, porém Sabrina apresentou diversas reações de ciúmes do irmão. No momento da primeira entrevista (novembro de 2016), Sabrina possuía 4 anos de idade e havia sido adotada há quatro anos e Noah estava com 2 anos de idade há um ano e três meses.

Família 2. Júlia e Felipe adotaram uma menina que estava com 11 anos de idade (Fabiana) na época da primeira entrevista (março de 2017) e havia sido adotada há um ano. Eles buscaram a adoção por dificuldades de engravidar. Foram feitas tentativas de fertilização *in vitro* que não foram bem-sucedidas. Desta forma, consideraram a adoção como opção de realizar o desejo de concretização da parentalidade. Entraram em contato com a vara de infância em 2015 para se candidatarem ao processo de adoção. O casal selecionou como perfil criança cuja idade fosse entre quatro e oito anos para ficarem por menos tempo na fila de espera e também para receberem uma criança que apresentasse certo grau de independência. O casal ficou menos do que um ano na fila de espera e relatou sentir-se ansiosos e grávidos de uma criança maior. Antes de adotarem Fabiana, eles vivenciaram uma experiência malsucedida de período de convivência com uma adolescente de doze anos. Na segunda tentativa, o casal recebeu Fabiana, que tinha onze anos de idade no momento da adoção e havia sido adotada há um ano.

Processos Proximais Importantes para a Constituição de Vínculos

Os seguintes processos proximais foram identificados como importantes para a constituição de vínculos nas famílias adotivas: (a) estabelecimento de limites de forma

dialogada; (b) atenção, afeto, reciprocidade e equilíbrio nas relações pais–filhos; (c) diálogo aberto e reconhecimento da história prévia da adolescente; e (d) atividades sociais e brincadeiras.

Estabelecimento de limites de forma dialogada. Ambas as famílias, em ambos os momentos de entrevista, relataram efetuar imposição de limites através do diálogo ou castigo, seguido de explicações do porquê a punição estava sendo utilizada. Os pais ainda relataram formas diferentes de impor limites, de acordo com a idade dos filhos. Por exemplo, a família 1 elegeu um canto na sala para os filhos ficarem por minutos quando tinham comportamento considerado por eles como inadequado, explicando o porquê de estarem indo para o “cantinho.” Na família 2, os adotantes enfatizaram que sempre explicavam os motivos pelos quais não deixavam a filha ir em determinados lugares em certos horários, e o castigo se expressava pela retirada de algo prazeroso, como o computador. Estes aspectos podem ser ilustrados pelas falas abaixo:

“(...) tão naquela fasezinha terrível de fazer pirraça, de fazer bagunça, então já têm um cantinho, né, pra ficar ali quando faz pirraça. (...) E esse limite eu imponho.” (Marcelo – família 1)

“(...) a gente sempre tá conversando. Sempre tá tentando deixar as coisas claras, se a gente tá chamando atenção, porque que tá chamando atenção (...) Se tiver que falar “não”, eu vou falar “não”. Se tiver que falar “sim”, eu vou falar “sim”. Porque aquela história de ‘ah, é adotada, passou por muita dificuldade, eu não vou contrariar’, não. Eu não sou boazinha nesse ponto não, eu sou justo, entendeu?” (Fábio – família 2)

Atenção, afeto, reciprocidade e equilíbrio. A presença de afeto positivo mútuo, reciprocidade e equilíbrio de poder na relação em ambas as famílias facilitaram os vínculos paterno–filiais. Contudo, algumas diferenças foram observadas nas duas famílias. Por exemplo, na família 1, o afeto era expresso através de verbalizações e brincadeiras, como rotina de ler histórias antes de dormir. A reciprocidade era demonstrada através da correspondência em atos às necessidades expressas pelos filhos de atenção, como utilização de recursos lúdicos, brincadeiras e atividades sociais. A relação de reciprocidade da família 1 indica presença de equilíbrio de poder, uma vez que é oferecido às crianças pequenas determinado espaço para expressar suas necessidades. Já no caso da família 2, o afeto é predominantemente expresso por ações, como cuidar do outro quando se está doente, apesar de também haver verbalizações de afeto. A

reciprocidade e o equilíbrio de poder são denotados através de diálogos constantes estabelecidos com a adolescente sobre as suas necessidades e o atendimento destas necessidades, as quais são particulares ao momento que estava vivendo de vinculação à nova família. Este aspecto é ilustrado pelos trechos abaixo:

“Eles gostam muito de fazer cosquinhas nas costas, né? aí eu levanto a blusa e falo ‘deita os dois aqui que eu vou fazer cosquinha!’ (...) quando a gente sai pra passear vai pro interior, vai pra casa de parentes, shopping, parquinhos dentro do shopping, né” (Keila – Família 1)

“Nós damos muita responsabilidade a ela, né? A gente dá, vamos dizer, a gente tenta cuidar bem dela, ver o que ela precisa, o que ela quer, mas ela também a responsabilidade dela também. Então... e ela aceita isso também. ” (Marcelo – Família 2)

Diálogo aberto e reconhecimento da história prévia da adolescente. A manutenção dos vínculos pré-adoção, o diálogo e o reconhecimento da história pregressa da adolescente na família 2 facilitaram a construção do vínculo adotivo. A filha demonstrava necessidade de ser ouvida, compreendida e aceita em sua história, e de poder confiar nos adotantes. Além disso, ela demonstrava a necessidade de manter vínculo com membros da família biológica através da iniciação de constantes conversas sobre este assunto.

Os pais, então, lhe ofereceram espaço para que pudesse expressar seus sentimentos de confusão e esta pediu para os pais adotivos terem paciência com o processo dela de adoção. Eles se esforçaram para compreender as dificuldades da filha e não suprimiram a história pregressa da filha, ao ajudarem-na a manter laços construídos no período pré-adoção. Por exemplo, os pais levavam a filha para ver amigos feitos no período pré-adoção e a irmã que ainda morava no abrigo, acolhiam a angústia e o sentimento de saudades da irmã e, ao mesmo tempo, orientavam-na que infelizmente ela não iria poder levar a irmã com ela ou encontrar a mãe biológica por questões judiciais. Depois de um tempo, a filha entendeu que poderia somente visitar a irmã no abrigo, a qual seria adotada por outra família, como pode ser constatado na seguinte fala: “...sempre que ela pede, a gente leva e ela encontra com a irmã dela, a que tá no abrigo, e vai fazer alguma coisa. Chama e a gente leva (...) Então assim, ela mantém o vínculo e a gente não tem interesse em cortar, né? Faz parte da vida dela, né?” (Felipe – família 2).

Assim, o diálogo entre os membros da família permitiu espaço para que as necessidades da filha e dos pais adotivos pudessem ser explicitadas e negociadas. Mesmo que nem todas as expectativas dos membros familiares fossem correspondidas, seus pensamentos e sentimentos eram acolhidos e considerados: “... *eu acho que não sei se ela vai chamar de mãe. Não sei, mas eu gostaria. Mas isso vai ficar a critério dela*” (Júlia – família 2). O diálogo aberto ao longo do tempo produziu como efeito o estabelecimento de vínculos e intimidade afetiva.

Atividades sociais e brincadeiras. As atividades sociais e momentos de brincadeiras realizadas na família contribuíram para a aproximação entre os adotados e os adotantes ao longo do tempo. Assim, em ambas as famílias, os filhos demandavam além de carinho e atenção, atividades sociais (tais como atividades de lazer e na comunidade). Estes momentos foram ressaltados na família 1, como uma espécie de ritual principalmente entre o pai e as crianças. No entanto, houve algumas diferenças em relação ao modo como estas necessidades de atividades sociais eram demandadas em cada família, condizente com a idade das crianças adotadas. Enquanto as crianças da família 1 expressavam necessidades de atenção e atividades sociais através da demanda de brincadeiras, leitura de histórias antes de dormir e passeio no parque, a adolescente da família 2 expressava as mesmas necessidades através da demanda de conversas sobre o dia e utilização do humor. Estes aspectos podem ser ilustrados pelas falas dos adotantes da família 1 e 2. Por exemplo, segundo Felipe (família 2) “...*às vezes ela quer conversar muito, ela quer contar história, tá toda elétrica.*” Já de acordo com Marcelo “...*geralmente é no final de semana que a gente sai pra brincar, né, passeia um pouquinho, aí sempre vem, brinca um pouquinho, né, na casa deles [da família extensa] também.*”

Fatores Pessoais Importantes para os Processos Proximais

Os participantes destacaram tanto características pessoais promotoras como desafiadoras dos processos proximais. Dentre as características promotoras estavam: (a) afetividade e senso de humor; (b) abertura ao diálogo; e (c) flexibilidade parental nos papéis sociais. Como características desafiadoras estavam: (d) timidez e ciúmes; (e) dificuldade de chamar de pai/mãe; e (f) birras.

Afetividade e senso de humor. Na perspectiva dos adotantes de ambas as famílias, características como a afetividade, senso de humor e a facilidade em iniciar interações facilitavam a interação familiar, tais como diálogos e atividades sociais. Na perspectiva da adolescente da família 2 a afetividade e o senso de humor também facilitavam a interação familiar. Por exemplo: *“A gente é palhaço (risos). Ele gosta muito de fazer palhaçada (...). Ela é mais carinhosa, assim, ela é tranquila. Ela é uma mãe.”* (Fabiana – família 2).

Abertura ao diálogo. A abertura à conversa foi uma característica pessoal apontada como facilitadora do vínculo somente pelos adotantes da família 2. Pensa-se que esta característica é valorizada pelos adotantes pelo fato de terem adotado uma adolescente que já possui habilidade de discordar, negociar, aceitar e falar sobre as suas dificuldades bem como necessidades. Desta maneira, se a adolescente se mostra aberta à conversa, assim como os adotantes, torna-se possível construir um espaço de escuta, compreensão e suporte das necessidades dos membros pertencentes ao microssistema família.

Flexibilidade nos papéis sociais. Ao longo dos seis meses, ambas as famílias se mostraram disponíveis a ajustarem suas rotinas para sanar as necessidades físicas e emocionais dos filhos. No entanto, isso ficou mais evidenciado na família 2, na qual os adotantes usaram a estratégia de trocar os papéis frente à criação da filha para que esta pudesse se aproximar mais da mãe adotiva. Por exemplo, na primeira entrevista, o pai assumia o papel de carinhoso e a mãe assumia uma posição disciplinadora, mais distante afetivamente. Este momento inicial foi marcado por um processo de estranhamento e distanciamento afetivo da mãe, já que a adolescente demonstrava medo de substituir a mãe biológica ao se aproximar da mãe adotiva. Isso causou uma dificuldade de aceitar as ordens da mãe ocasionado em conflitos. Com o tempo, os pais se tornaram mais sensíveis às necessidades da filha, percebendo que esta precisava que a mãe fosse predominantemente carinhosa e atenciosa, ao invés de disciplinadora. Estas mudanças nas interações que ocorrem ao longo do tempo, foram fundamentais para que mãe e filha interagissem de forma positiva e aprofundassem o vínculo materno-filial, sem que o estabelecimento de limites fosse negligenciado. Assim, observou-se, na segunda entrevista, que o vínculo entre mãe e filha estava mais solidificado e a relação com o pai estava permeada tanto por momentos de brincadeira quanto por momentos de disciplina.

Pesquisador: “*E como que você percebe a convivência da sua filha com a sua esposa?*”

Participante: “*Ah, as duas se dão bem hoje em dia. Muito bem. Antes não, entendeu? Antes existia praticamente quase uma rejeição. Não convivia, entendeu? E hoje não, as duas se dão muito bem(...). Eu talvez tenha que mostrar pra ela mais os limites, que tudo não é como ela gostaria que fosse, e Júlia ter mais aquele carinho de mãe, de afeto, entendeu? Eu também tenho afeto. Mas ela tava também muito assim: tudo era o Felipe (...) Então a gente começou assim para ela encontrar na Júlia a segurança da mãe. Então hoje ela já tem muito mais essa segurança...*” (Felipe – família 2)

Timidez e ciúmes. Essa foi uma questão particular da família 1. Os adotantes relataram que a timidez da filha em relação às demais pessoas e os ciúmes do irmão mais novo foram características desafiadoras para a interação familiar. Por exemplo, o ciúme em relação ao irmão mais novo se expressou em uma regressão do desenvolvimento; nos primeiros meses de convivência, a filha voltou a engatinhar e falar como bebê: “*A Sabrina teve muito ciúme (...) ela teve que se adaptar à chegada do Nicolas. Ela chorou 2 semanas sem parar*” (Keila – família 1). Ao longo da convivência e cuidados constantes prestados ao irmão junto à mãe, na segunda entrevista, os adotantes relataram que o ciúme fraterno havia diminuído consideravelmente. Assim, ao longo do tempo, interações como as atividades de cuidado, valorizados pela mãe, contribuíram para que os ciúmes na relação fraterna diminuíssem e se desenvolvesse na irmã mais velha um senso de cooperação e responsabilidade. Esta transformação facilitou e fortaleceu as interações familiares e a formação do vínculo tanto com o irmão como com os pais.

Dificuldade de chamar de pai/mãe. Na família 2, a dificuldade da adolescente de chamar os adotantes de pai e mãe, que ainda perdurava após seis meses, se demonstrou como um desafio para as interações e formação de vínculos familiares. Esta dificuldade ocasionou nos adotantes sentimentos de ansiedade e rejeição, sobretudo na mãe, a qual esperava que a adolescente já tivesse superado este impasse. Apesar da presença destes sentimentos, houve compreensão do tempo próprio da filha e aceitação de que possivelmente nunca seriam chamados de pais. Diante deste desafio, os adotantes buscaram compreender o sentimento de angústia e os motivos deste conflito da filha, criando espaço de acolhimento e diálogo para que esta pudesse falar sobre as suas dificuldades e sentimentos. Tais aspectos podem ser ilustrados a seguir:

É não se sentir adotada, né? Não se sentir adotada como mãe, mas eu acho que o sentimento é de mãe, mas ainda existe umas barreiras a serem superadas (...)A gente tá caminhando... eu acho que não sei se ela vai chamar de mãe. Não sei, mas eu gostaria. Mas isso vai ficar a critério dela. (Júlia – família 2).

...Não sei explicar muito bem, só que eu não me sinto bem se eu chamar eles de pai e de mãe, porque fica vindo lembranças na minha cabeça dos meus pais (biológicos), assim, é muito estranho. Por que eu tô chamando ela de mãe, se ela não é minha mãe? A minha mãe é a F., aí fica meio estranho. aí eu não chamo muito... (Fabiana – família 2).

É preciso destacar que esta foi uma questão peculiar da família 2. Pensa-se que isso se deve à faixa etária. Na família 1, ambas as crianças foram adotadas ainda quando eram bebês e, assim, não conviveram por muito tempo nem numa instituição de acolhimento nem na família de origem, e, portanto, não consolidaram vínculos paterno-filiais prévios. Por outro lado, a adolescente da família 2 foi exposta a diversos microsistemas (família biológica e acolhimento institucional), alguns nos quais já havia estabelecido relações maternas e paternas. Ou seja, o tempo de convivência com os microsistemas prévios foi significativo o suficiente para formação de vinculações consideradas paterno-filiais, o que apresenta desafios no estabelecimento de vínculos na família adotiva.

Assim, parece ser necessário mais tempo na adoção de adolescentes do que na adoção de bebês para que o vínculo entre pais e filhos seja estabelecido. Isso é corroborado ao longo das entrevistas das duas famílias, uma vez que desde a primeira entrevista da família 1 havia sentimento de filiação paterno-filial tanto nos adotantes quanto nos filhos. Na segunda entrevista, este sentimento permaneceu estável e houve apenas o aprofundamento dos vínculos. Por outro lado, durante a primeira entrevista da família 2, o sentimento de filiação ainda se encontrava em processo de estabelecimento na medida em que se expressava de maneira estável somente nos adotantes; ou seja, a adolescente se encontrava num processo de adoção dos novos pais (principalmente da mãe adotiva) e questionava sobre a autenticidade do seu pertencimento na nova família.

Birra. Como questão peculiar da família 1, observou-se o ato de fazer birra diante da imposição de limites como um aspecto que desafiava as interações familiares mesmo após seis meses de convivência. De acordo com os pais, isso exigia paciência e

habilidades de imposição de limites. Pensa-se que essa é uma questão particular da família pela idade dos filhos e ao momento que vivenciam em relação ao desenvolvimento deles. As crianças, por terem menos habilidades de tolerar frustrações e respeitar limites do que a adolescente, apresentam características pessoais desafiadoras da interação, como baixa tolerância à frustração, as quais são expressas através da birra; a birra, então, impacta nas estratégias de imposição de limites dos adotantes. Assim, em geral, observou-se que enquanto as crianças da família 1 estavam vivenciando processo de aprendizagem de limites e tolerância às frustrações, a adolescente da família 2 encontrava-se num processo de elaboração das experiências de abandono, rupturas e construção de novas relações de confiança com os pais adotivos, condizente com o estágio de desenvolvimento destas: *“eles tão naquele fasezinha de... de birra. De pirracento, né, da rebeldia”* (Marcelo – Família 1), *“Não sei explicar muito bem, só que eu não me sinto bem se eu chamar eles de pai e de mãe, porque fica vindo lembranças na minha cabeça dos meus pais... (biológicos)”* (Fabiana – Família 2).

Fatores Contextuais Importantes para os Processos Proximais

Dois principais aspectos contextuais se destacaram durante as entrevistas como facilitadores ou desafiadores das interações. Como facilitador encontrava-se o apoio da família extensa, caracterizada como parte do mesossistema (a) e como desafiador, o estresse no trabalho dos pais, caracterizado como parte do exossistema (b).

Mesossistema. O apoio da família extensa durante o processo de adoção foi relatado pelos participantes de ambas as famílias. De acordo com os participantes, esse apoio possibilitou o entrosamento dos filhos com membros da família extensa, o que contribuiu para as interações familiares positivas e vinculação afetiva. Por exemplo, na família 2, o estreitamento de vínculos entre a filha sobretudo com a avó paterna, foi apontado como um aspecto facilitador da interação no microsistema para o pai: *“...eu não vou negar, né, no início sempre tem uma certa desconfiança ‘Ah, será que... é uma menina grande... será que vai dar certo, né?’ (a adoção), mas eu acho que agora ela já conquistou todo mundo. Então acho que todo o mundo (família extensa), como diz, já acolheu...”* (Felipe – família 2).

A perspectiva da adolescente é ilustrada abaixo:

“É uma coisa legal, dificilmente uma menina de 12 anos é adotada, normalmente as pessoas querem adotar é criança pequena que querem ver crescer, quer cuidar, quer ensinar a fazer as coisas, e, tipo assim, eu achei até estranho depois que eu fui.. (...) Por exemplo, se eu tivesse ainda morando com a minha mãe, com certeza ou eu taria morta ou eu taria grávida ou eu teria parado de estudar; só coisa ruim que vem na minha cabeça. Então ser adotada foi uma solução pra mim. (...) quando você tá morando com uma família que você sabe que vai cuidar você – uma família que você sabe que vai te acolher bem – você não se sente como se você fosse adotada, você se sente como se você fosse da família. As vezes você até esquece que já morou em um abrigo. Só que isso também é difícil, da família ser assim.. as meninas, elas não falam que eu sou adotada, elas me chamam de prima, de sobrinha, me chama de neta, minha avó, então tipo isso..” (Fabiana – família 2).

Na família 1, o pai da Keila ajuda a levar os filhos para a escola e a cuidar deles: *“Meu pai algumas vezes leva pra escola, as vezes é meu marido, as vezes sou eu, mas aí quando passa dois dias eles perguntam “ué, meu vovô não vai me levar não pra escola?!”* (Keila – família 1).

Exossistema. Observou-se, nas segundas entrevistas em ambas as famílias que elementos do exossistema, como estresse ocupacional (Bronfenbrenner & Morris, 2006), dificultaram as interações familiares. Na família 1, o estresse ocupacional vivido pela mãe em conjunto com características pessoais como a falta de paciência que esta apresentava para lidar com a birra das crianças, dificultava as interações como a imposição de limites com diálogo. Isso culminou no aumento da frequência de brigas e punição física às crianças. Diante dessas dificuldades, a mãe decidiu sair do emprego para dedicar-se somente aos filhos. Esta saída facilitou as interações e contribuiu para o estreitamento do vínculo com os filhos. Este aspecto é evidenciado pelo trecho a seguir:

Pesquisador: *“E ter saído do trabalho, por exemplo, teve alguma relação com a expressão de limite e de afeto? Acontece mais? Acontece menos?”*

Keila: *“Ah, tá acontecendo mais. Afeto e limite. Eu consigo prestar mais atenção, né. O que eles tão querendo.”* (Família 1)

Na família 2, o estresse ocupacional também contribuiu para que os adotantes passassem menos tempo com a filha e lhe dessem menos atenção. Diante disso, os

adotantes optaram por sair do emprego e trabalhar como autônomos para que pudessem oferecer mais atenção e passar mais tempo com a filha.

Discussão

Este estudo teve como objetivo principal identificar as interações (processos proximais) ao longo do tempo que propiciavam a formação de vínculos em famílias que adotaram crianças de idades diferentes, além de compreender os fatores pessoais e contextuais que facilitavam ou desafiavam essas interações. Utilizou-se a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 2006) como base teórica.

A demarcação firme e consistente de limites concomitantemente à expressão de afeto e diálogo atuaram como processos proximais contribuintes para o estreitamento do vínculo em longo prazo. Esses achados estão de acordo com os de Merçon-Vargas, Rosa, Dell’Aglío (2011) de que a determinação de limites, junto com diálogo e afeto, são elementos contribuintes para a formação do vínculo familiar. Estas estratégias utilizadas pelos pais estão de acordo com a literatura que aponta que a conversa se mostra como uma estratégia apropriada para a manutenção de regras e limites; através do diálogo são criadas oportunidades para que a criança se expresse, ao mesmo tempo em que os pais mantêm autoridade sem deixar de demonstrar afeto (Barbosa & Wagner, 2014).

A presença de afeto positivo mútuo, reciprocidade e equilíbrio de poder nos processos proximais em ambas as famílias facilitaram os vínculos paterno-filiais. Pensa-se, a partir dos resultados, que as diferentes maneiras de expressão do afeto, reciprocidade e equilíbrio de poder em cada família ocorrem devido às necessidades peculiares atreladas principalmente às diferentes idades das crianças. Além disso, o fato do afeto ser predominantemente expresso por ações na família 2 ocorre devido ao processo de construção de relação de confiança com os pais adotivos. As verbalizações de carinho na família 2, começaram a ocorrer somente após um período de tempo de convivência.

De acordo com Poletto e Koller (2008), famílias cujas relações são permeadas pela reciprocidade e equilíbrio de poder propiciam contextos de proteção ao desenvolvimento e promovem bem-estar aos indivíduos do microsistema. De acordo com Siqueira, Betts e Dell’Aglío (2006), reciprocidade e equilíbrio de poder nas

interações paterno-filiais contribuem para o desenvolvimento saudável. Isso inclui o desenvolvimento de determinadas habilidades socioemocionais, como lidar com diferentes relações de poder, demonstrar assertividade, expressar emoções e estabelecer relações com autonomia.

A manutenção dos vínculos pré-adoção, o diálogo e o reconhecimento da história pregressa atuaram como características dos processos proximais facilitadoras da construção do vínculo adotivo. É importante que os pais adotivos ou as instituições de acolhimento possibilitem a manutenção dos vínculos pregressos à adoção sem rupturas abruptas, espaço para compreensão e orientação dos adotantes quanto às circunstâncias que o processo de adoção impõe. Isto porque a transição ecológica com rupturas graduais e a manutenção de vínculos pode permitir que o adotado elabore de maneira organizada e saudável a vivência da adoção (Sampaio, Magalhães, & Féres-Carneiro, 2018). O estudo de Dos Reis (2014) também suscita reflexões sobre as angústias vivenciadas pelo filho adotivo enquanto este tenta compreender as causas de sua doação pela mãe biológica e adoção pelos novos pais. Esta autora aponta para a importância da realização, em conjunto com o filho adotivo, da elaboração das motivações tanto dos pais biológicos para doação como dos adotivos para adoção.

Além disso, foi possível identificar que os momentos de atividades sociais e brincadeiras atuaram como processos proximais facilitadores do vínculo. Os resultados encontrados estão de acordo com o estudo de Bicca e Grzybowski (2014), que também encontrou que a integração da criança nas atividades sociais atuou como facilitadores da interação e adaptação. Dentre as características pessoais promotoras dos processos proximais, foram identificadas (a) afetividade e senso de humor; (b) abertura ao diálogo; e (c) flexibilidade parental nos papéis sociais. Por outro lado, as características desafiadoras dos processos proximais se mostraram como: (d) timidez e ciúmes; (e) dificuldade de chamar de pai e mãe; e (f) birras.

A facilidade para o diálogo aberto e a capacidade de expressar afeto também foram apontadas por alguns autores como importantes para o estabelecimento de vínculo e a promoção de desenvolvimento saudável (Merçon-Vargas et al., 2011). Estudos enfatizam a importância de considerar a dinâmica da comunicação entre os membros da família adotiva como forma de construção da família, tanto em relação a comunicação verbal em relação à adoção (Barbosa-Ducharne, & Soares, 2016), como em outras

modalidades de comunicação, incluindo comunicações em forma de contatos afetuosos (Colaner & Sloiz, 2017). Assim, o espaço de escuta é aspecto central nas interações e, conseqüentemente, na formação do vínculo por possibilitar a expressão de sentimentos dos adotantes e do adotado decorrentes das mudanças relacionadas à transição do período pré- para o pós-adoção.

De acordo com Brodzinsky (2011), a habilidade de pensamento abstrato já desenvolvida nas crianças mais velhas lhes permitem questionar sobre a autenticidade da sua participação na nova família e lhes tornam mais sensíveis à perda da família biológica. O questionamento sobre a genuinidade das relações na nova família ocorre através de inquietações, como se conseguirá confiar nos pais e vice-versa, se os novos pais realmente os amam, se conseguirão considerá-los como família, por que a família biológica lhes abandonou, entre outras. Tais conflitos psicológicos presentificados de maneira singular na adoção de crianças mais velhas atuam como ponto central na dificuldade de adaptação (Brodzinsky, 2011).

Dentre os fatores contextuais importantes para os processos proximais, o apoio da família extensa, como parte do mesossistema, foi facilitador e o estresse no trabalho dos pais, como parte do exossistema, foi desafiador para as interações. Para Poletto e Koller (2008), a riqueza do mesossistema é apreendida por meio da quantidade e qualidade das suas conexões. Quanto mais coesas a família e a família extensa estiverem em relação a valores, melhor a criança poderá se desenvolver. Desta maneira, a conexão frequente e fortalecida entre o microsistema familiar e o mesossistema observada em ambas as famílias proporcionou a configuração da rede de apoio, a qual se tornou um importante fator de promoção do vínculo familiar (Juliano & Yunes, 2014).

A forma como os adotantes lidaram com o estresse ocupacional teve como efeito a diminuição do nível de estresse e o aumento do nível de disponibilidade pessoal, paciência e tempo para conviver com os filhos, o que impactou positivamente nas interações. Tais resultados correspondem à perspectiva de Bronfenbrenner e Morris (2006) de que o exossistema afeta diretamente a pessoa em interação com tal contexto, e indiretamente os processos proximais do microsistema familiar. De acordo com Poletto e Koller (2008), durante momentos de estresse, é imprescindível que seja acionada a rede de apoio com vistas ao oferecimento de suporte à família para a construção de estratégias de enfrentamento frente aos desafios cotidianos.

Bronfenbrenner e Morris (2006), destacam a importância do acompanhamento das pessoas ao longo de um intervalo de tempo para que se possa avaliar as continuidades e as mudanças decorrentes dos processos proximais estabelecidos em função das características da pessoa e do ambiente. O intervalo decorrido entre as duas entrevistas permitiu perceber as características pessoais de disposição, principalmente dos adotantes, e o apoio recebido da rede, caracterizando um ambiente ecológico proximal (microsistema) com forte relação com o mesossistema (família extensa dos adotantes) como fatores fundamentais para o fortalecimento dos Processos Proximais gerando resultados de competência no estabelecimento de vínculos. As mudanças positivas nos resultados de desenvolvimento mais reconhecidas pelos participantes foram em relação a capacidade de estabelecer diálogo mais afetivo, a flexibilidade nos papéis de autoridade exercidos pelos pais e a diminuição do ciúme entre os irmãos. O resultado que indicou continuidade nas características das pessoas envolvidas (principalmente da adolescente) foi a permanência da dificuldade de chamar os adotantes de pai e mãe.

Considerações finais

O presente estudo contribui para a literatura sobre adoção ao focar as semelhanças e diferenças nos processos proximais (interações) que contribuem para a constituição do vínculo ao longo do tempo em famílias que adotaram crianças com idades diferentes, especificamente bebês e adolescente. Além disso, contribuiu para a compreensão da relação sistemática entre características pessoais e contextuais que impactam as interações familiares e as vinculações, utilizando um enfoque Bioecológico. Assim, este estudo coaduna com os pressupostos da teoria Bioecológica, uma vez que sugere que as interações diárias duradouras foi o fator mais importante para a constituição de vínculos nas famílias adotivas, as quais eram influenciados por características pessoais e contextuais.

A respeito dos processos proximais, observou-se que ambas as famílias enfatizaram a demarcação de limites firme com diálogo, a expressão de afeto e atividades sociais como importantes para a vinculação. Apesar de estar presente em ambas as famílias, esses processos proximais tomavam contornos diferentes dependendo da idade

da criança. Por exemplo, os limites na família com a adolescente eram impostos de forma mais dialogada do que na família com crianças pequenas. Ainda, a afetividade era expressa mais em formas de ~~ação do que em~~ verbalização na família que adotou a adolescente. Observou-se também que enquanto a família com crianças pequenas enfatizou como importante as brincadeiras, a importância do diálogo foi mais saliente na família com a adolescente. Há evidências de a idade do adotado, sendo este mais velho, pode indicar maiores condições de lidar com os desafios e conflitos advindos com a adoção com a prevalência de menos sentimentos negativos relacionados ao processo (Barroso, Barbosa-Ducharme & Coelho, 2018).

Com relação às características pessoais, em ambas as famílias, a afetividade foi trazida como essencial para as interações positivas. Para a família 2, destacou-se como importante estar aberto ao diálogo, o reconhecimento da história progressiva da adolescente, a manutenção de vínculos constituídos no período pré-adoção e a flexibilidade dos pais em atender as necessidades da filha. Assim, as habilidades de compreensão e sensibilidade demonstradas pelos adotantes frente às necessidades da filha fortaleciam os processos proximais. Estas características também foram fundamentais para o enfrentamento dos desafios, como a frustração advinda da dificuldade de chamar os pais adotivos de “pai” e “mãe.” Algumas características consideradas desafiadoras dos processos proximais foram destacadas na família com filhos menores e se referiam a dificuldades ligadas ao estágio de desenvolvimento dos filhos, como o ciúme fraterno e as birras, as quais tinham um impacto principalmente na forma de imposição de limites.

No que se refere aos aspectos contextuais importantes para os processos proximais, observou-se mais semelhanças do que diferenças nas duas famílias. Por exemplo, em ambas as famílias a presença de uma rede de apoio (principalmente a família extensa, mas também escolas, creches e espaços de interações entre famílias adotantes como os grupos de apoio à adoção) foi fundamental para o enfrentamento de desafios cotidianos, atuando como fator contextual facilitador dos processos proximais. Por isto, é essencial que a família disponha de rede de apoio, uma vez que esta apresenta potencial de auxiliar no enfrentamento dos eventos estressores cotidianos (Siqueira et al., 2006; Paulina, Ferreira, Bobato & Becker, 2018). Além disso, ambas as famílias apontaram o estresse ocupacional como desafiador dos processos proximais. Isto porque houve uma intensificação de determinadas características pessoais, como impaciência e, por

consequente, aumentou a probabilidade de ocorrência de punição física bem como agressividade no microsistema.

É importante salientar que o tempo transcorrido entre as duas entrevistas, ainda que de certa forma curto, foi essencial para perceber que as famílias encontraram formas e estratégias de interagir positivas fortalecedoras dos vínculos afetivos. Ademais, vale apontar que as diferenças encontradas nas interações e características pessoais se devem ao fato de que as crianças de cada família apresentavam necessidades físicas e emocionais variadas cujas diferenças são relacionadas às divergentes idades e fases do desenvolvimento em que se encontravam.

Por fim, vale ressaltar que o modo singular como cada família estabelece os processos proximais para lidar com os desafios cotidianos influencia mais a formação do vínculo paterno-filial adotivo do que a natureza dos desafios em si. Estes achados contribuem para desmistificar a crença social de que a adoção de crianças mais velhas, inclusive adolescente, traz desafios mais difíceis de serem manejados em sua essência. De acordo com Silva e Benetti (2015), a fundação familiar na adoção de crianças mais velhas não deve ser associada a maiores dificuldades, desde que se assegure adequado atendimento das demandas parentais e filiais ao longo do processo. Este aspecto também é realçado por Da Costa Peixoto, Giacomozzi, Bousfield, Berri e Fiorott (2019) ao defenderem o acompanhamento destes processos por profissionais de equipes psicossociais de Varas de Infância e de outros serviços e programas. Portanto, é importante que profissionais que lidam com as demandas das famílias adotivas estejam cientes dessas singularidades para que foquem suas práticas e atividades nas necessidades dessas famílias e ajudem a promover desenvolvimento saudável. Dar apoio e preparar os pais adotivos para receber um filho em sua família é uma tarefa extremamente importante (Bortolatto, Loos, & Delvan, 2016; Lee, Kobulsky, Brodzinsky, & Barth, 2018).

Aponta-se como limitação deste estudo o fato das famílias terem sido acompanhadas por um curto período de tempo (seis meses). Ademais, ressalta-se que por ser um estudo de caso, algumas questões surgidas são particulares de cada família e devem ser compreendidas levando em conta seus contextos. Sugere-se que sejam delineados estudos futuros que visem avaliar o impacto da adoção e da formação do vínculo adotivo sobre o desenvolvimento da criança. Apesar dessas limitações, destaca-

se que a perspectiva Bioecológica se mostra rica para a compreensão dos aspectos envolvidos na constituição de vínculos em famílias adotivas.

Referências

- Andrade, L., C., S., Hueb, M., F., D., & Alves, C., M., P., (2017). Era uma vez... um estudo de caso sobre histórias e estórias adotivas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(1), 173-183. doi: 10.1590/1982-02752017000100017
- Baptista, J., Soares, I., & Henriques, M. (2013). Recuperação desenvolvimental após a adoção: Características da criança e da família adotiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 396-404. doi: 10.1590/S0102-79722013000200020
- Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2014). A construção e o reconhecimento das regras familiares: A perspectiva dos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 19, 235-245. doi: 10.1590/1413-737222060007
- Barbosa-Ducharne, M. A., & Soares, J. (2016). Process of adoption communication openness in adoptive families: Adopters' perspective. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29, 1-9. doi: 10.1186/s41155-016-0024-x
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: LDA.
- Barroso, R., Barbosa-Ducharne, M. A., & Coelho, V. (2018). Como é vivida a adoção na adolescência? Construção de um Questionário de Sentimentos relacionados com a adoção. *Análise Psicológica*, 36(2), 235-246. doi: 10.14417/ap.1376
- Bicca, A., & Grzybowski, L. S. (2014). Adoção tardia: Percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. *Contextos Clínicos*, 7, 155-167. doi: 10.4013/ctc.2014.72.04
- Bortolatto, M. O., Loos, V. N., & Delvan, J. S. (2016). Grupos de estudo e apoio à adoção e o sucesso das adoções. *Barbarói*, 48, 205-233. doi: 10.17058/barbaroi.v0i48.8319
- Brodzinsky, D. (2011). Children's understanding of adoption: Developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and Practice*, 42, 200-207. doi: <https://dx.doi.org/10.1037/a0022415>
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (pp. 793-826). New York: John Wiley & Sons.

- Bueno, R., Vieira, M., & Crepaldi, M. (2017). Envolvimento paterno com filhos adotivos e a estrutura familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. doi: 10.1590/0102.3772e3342
- Bussinger, R. V., Merçon-Vargas, E. A., Nascimento, D. B., & Rosa, E. M. (2018). What characteristics are accepted in the child by Brazilian adoption applicants? A latent class analysis. *Children and Youth Services Review*, 95, 124-133. doi: 10.1016/j.chilyouth.2018.10.033
- Colaner, C. W., & Soliz, J. (2017). A communication-based approach to adoptive identity: Theoretical and empirical support. *Communication Research*, 44, 611-637. doi: 10.1177/0093650215577860
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. Recuperado de conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf
- Da Costa Peixoto, A., Giacomozzi, A. I., da Silva Bousfield, A. B., Berri, B., & Fiorott, J. G. (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 89-108. doi: 10.38034/nps.v28i63.361
- Dos Reis, M. (2014). Adoção do ponto de vista da criança. *Revista brasileira de psicoterapia*, 16, 86-98. Recuperado de http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=163
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: Altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 73-80. doi: 10.1590/S0102-79722001000100006
- Juliano, M., & Yunes, M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17, 135-154. doi: 10.1590/S1414-753X2014000300009
- Lee, B. R., Kobulsky, J. M., Brodzinsky, D., & Barth, R. P. (2018). Parent perspectives on adoption preparation: Findings from the Modern Adoptive Families project. *Children and Youth Services Review*, 85, 63-71.
- Merçon-Vargas, E., Rosa, E. M., & Dell’Aglia, D. D. (2011). Adoção nacional e internacional: Processos proximais no período de convivência. *Salud & Sociedad*, 2, 268-283. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=439742467004>
- Mozzi, G. D., & Nuernberg, A. H. (2016). Adoption of children with disabilities: A study with adoptive parents. *Paidéia*, 26(63), 101–109. doi: 10.1590/1982-43272663201612
- Palacios, J., Adroher, S., Brodzinsky, D. M., Grotevant, H. D., Johnson, D. E., Juffer, F., ... Tarren-Sweeney, M. (2019). Adoption in the service of child protection: An international

- interdisciplinary perspective. *Psychology, Public Policy, and Law*, 25(2), 57–72. doi: 10.1037/law0000192
- Paulina, E., Ferreira, L., Bobato, S. T., & Becker, A. P. S. (2018). Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 77-86. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/327665159_Processo_de_vinculacao_afetiva_de_crianças_adotadas_na_perspectiva_dos_pais_adotantes
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25, 405-416. doi: 10.1590/S0103-166X2008000300009
- Sampaio, D., Magalhaes, A., & Féres-Carneiro, T. (2018). Pedras no caminho da adoção tardia: Desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. *Trends in Psychology*, 26, 311-324. doi: 10.9788/tp2018.1-12pt
- Silva, C. L., & Benetti, S. P. C. (2015). Older child adoption: A study of the affiliation process. *Estudos de Psicologia*, 32, 121-127. doi: 10.1590/0103-166X2015000100011
- Silva, F. H. O. B., Cavalcanti, L. I. C., & Dell’Aglío, D. D. (2016). Pretendentes à adoção de crianças no Brasil: Um estudo documental. *Revista da SPAGESP*, 17, 67–80. Recuperado em 10 de julho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702016000200006&lng=pt&tlng=pt
- Siqueira, A., Betts, M., & Dell’Aglío, D. (2006). A rede de apoio social e afetivo de adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 40, 149-158. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28440202>
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.